

Sentidos da vida e limites

Arlete Portella Fontes

Primeiro encontro do ano com um grupo de mulheres idosas, com as quais me reúno quinzenalmente com o objetivo de conversarmos temas de seu interesse, relacionados ao envelhecer com bem-estar e resiliência.

O objetivo hoje, 28 de março, seria retomarmos as conversas, já que desde dezembro não havíamos tido mais encontros. Elas vão chegando aos poucos. As mais assíduas, em torno de quatro, já estão ali, esperando que o grupo se forme. Dou início à conversa e, aos poucos, uma ou outra vai se integrando ao grupo. Uma delas, que circula pela casa toda, cada vez que adentra a sala me cumprimenta, como se tivesse acabado de me ver. Desconfio que tenha início de Alzheimer, mas, sua funcionalidade para andar e falar estão ainda preservadas.

A cada nova integrante, repito o que estava falando. Paciência e ter um objetivo fluído, eu diria, são necessidades quando se atende um grupo de idosos. Confesso, que, de início, eu era mais exigente comigo mesmo e meu treino para encadear minhas ações em direção ao meu objetivo me tornavam um pouco ansiosa. Nem sempre o caminho é retilíneo e, às vezes, as curvas trazem inesperados encantos e maneiras não planejadas de se abordar a mesma questão, ou aquela, que era mais vital para o grupo naquele momento.

A caminhada das idosas é lenta, lento é o movimento de se aproximar da cadeira e se sentar. Preciso ajudá-las, algumas vezes. Uma ou outra fala com dificuldade, mas, a compreensão do que está acontecendo está preservada. Sabem que é uma reunião quinzenal com a psicóloga e que estão ali para conversar sobre temas que lhe são caros, como o enfrentamento das doenças, as emoções, os limites, a paciência, entre tantos outros. Esses temas, comuns a qualquer ação educativa ou terapêutica junto aos idosos, espontaneamente, são trazidos por elas, a cada encontro.

Peço-lhes que escolham uma fotografia (várias delas foram colocadas na mesa) que lhes faça alguma ressonância e utilizando-se dela façam um breve relato sobre como passaram os três meses iniciais do ano, como percebem seu bem-estar nesse momento. E também pergunto a cada uma delas o que gostariam de estar conversando em nossos próximos encontros.

Para cada uma delas a ressonância se faz num sentido.

Lucinha ⁽¹⁾, que exibe notáveis características de liderança, inicia os depoimentos dizendo que tem feito um aprendizado que é “viver cada dia, cada hora, sem expectativas...” Quer em nossos próximos encontros que possamos conversar sobre a “coragem de sermos a gente mesma”. A propósito, Sartre nos dizia: O homem nada mais é do que aquilo que faz de si próprio”. Quando a idosa nos diz – **“viver com a coragem de sermos a gente mesma”**, sem dúvida, estamos diante de uma demonstração de sabedoria diante dos dilemas da vida, que se não exclusiva de idosos, pode aparecer entre eles, fruto de sua riqueza de aprendizados.

Uma delas, arguta e comprometida, dá exemplos de conversas que faz com Deus através da natureza. Ontem, dizia ela, a lua foi a intermediária dessa conversa. **Ora, a idosa comunica-se com Deus, por meio da natureza!** Aqui temos um claro exemplo da natureza como facilitadora do transcender.

Outra, ainda ativa em suas tarefas educativas, está visitando o grupo e em seus 90 anos. Dá exemplos de participação ativa em grupos de cuidadores, onde tem funções administrativas, além de atuar junto a uma ONG que atende mulheres, vítimas de violência. Ao declarar que estaria interessada em conversar sobre sentidos da vida, vai dizendo que a falta de sentidos é a maior dificuldade na vida com as mulheres vítimas de agressão.” Elas não vêem mais sentido” diz ela. **Em seus 90 anos, a idosa exibe vivacidade e compromisso com as atividades sobre sua responsabilidade.** Penso com meus botões: sem dúvida, tal desempenho carrega uma boa genética, constância da atividade, estimulação cognitiva e boas escolhas ao longo da vida.

De repente, Amélia, que vem apresentando comprometimento cognitivo em suas fases iniciais, adentra a sala, apoiada em uma enfermeira. Eu a cumprimento e a convido para se juntar a nós. Ela o faz com interesse, mas, acaba se levantando e dizendo que deve ir a outro lugar. A prontidão e a atenção subitamente se perdem e o curso é desviado. Não há lógica, nem razão. Metaforicamente imagino um neurônio que seguia um trajeto e, de repente, mudou seu caminho. E a plateia fica, algumas vezes, aturdida. Até que se acostuma. **Ao que não nos acostumamos?**

Voltemos ao nosso objetivo: saber como passaram os três meses iniciais do ano. Pierina, que fala com dificuldade (mas, com raciocínio preservado, embora, lento) inicia dizendo que nesse período pensou em morrer, ou

¹ Os nomes aqui utilizados são fictícios

melhor, dizendo, gostaria de ter morrido. Exploro um pouco o sentido das suas palavras. E com a ajuda das mais próximas, ela relata o seu descontentamento diante de uma necessidade de visitar alguém, que não pôde fazer, porque não havia cuidadora para acompanhá-la. Tropeçando nas palavras ela vai dizendo que cada pessoa é de um jeito. “É bom que sejamos alegres e cultivemos a amizade”. Quer a “convivência nos próximos encontros”. Mais tarde, quando avaliávamos a reunião, ela dizia que foi muito bom poder ter falado sobre sua mágoa, que estava “engasgada”. É a primeira vez que expressa um sentimento de mágoa, junto ao grupo. **Aprendendo uma nova linguagem para se comunicar.**

E fazendo um gancho com o tema “morte”, Sara, nova integrante da equipe, diz ao grupo que também recentemente queria morrer. Num relato comovido relata que tinha tido há pouco tempo um AVC e estava ainda em processo de adaptação, o que fazia, com alguma dificuldade. Mulher ativa, envolvida com processos educacionais, culta e que, de repente, se viu impedida pela doença. Repete com ênfase que tinha uma vida muito independente, e que, agora, se via precisando de ajuda. Sua escolha era estar ali, naquela casa, com aquele grupo, que nomeia como bastante acolhedor e alegre. Mas, havia um período de adaptação.

Nesse momento, eu me identifico com Sara e, com o quanto é difícil para aqueles muito ativos, quando a vida nos puxa o tapete e nos põe de quatro. Experimentar a dependência, papel esse não desejado, tampouco aceito, por mais que saibamos que o caminho é esse. Sara, de início, sisuda e evitando a exposição, agora, era parte do grupo, tinha um rosto mais leve e até esboça um sorriso. **Se despiu de suas dores, para ser mais uma ou outra, como eu, como você, como o culto, o inculto, o ativo, o frágil, o velho e o novo.** Convido-a dividir conosco sua experiência com o Método Montessori, que ela havia dito ser seu método de trabalho. Peço-lhe para que pense nas ressonâncias do método para o envelhecimento, se é que existem. Ela se anima com a ideia, dizendo que oportunamente o fará, no momento, ainda está confusa. **E aí vemos um sentido nascendo.**

Mercedez junta-se às duas para dizer que também gostaria de conversar sobre a “beleza da morte”. **Diz que ainda não é capaz de ver beleza na morte, mas, sabe que há uma e quer descobri-la.**

Sentido de vida. Esse foi o tema mais citado por elas como de seu interesse para ser abordado nos próximos encontros.

Parece que há uma compatibilidade entre meu momento profissional pessoal e os desejos desse grupo. Também gostaria de estar em situações envolvendo idosos, onde a morte e os sentidos de vida pudessem ser encarados. De repente, o tema protagonista me vêm, como que em resposta ao meu desejo. Vamos então ousar juntas essa experiência de fazermos da morte, uma oportunidade para perscrutarmos os sentidos da vida. E quem sabe, um dia, como diz a amável Mercedes, venhamos a descobrir a “beleza da morte”.

(Encontro com grupo de idosas em uma cidade próxima de Campinas, 28-03-18).